

Editorial

Nossa revista chega ao número 9 com um resultado extremamente importante: a inclusão na lista do QUALIS, indicando um reconhecimento inicial da qualidade de nossa publicação¹. Fomos incluídos na lista de Engenharias III e na lista de nossa área mãe, a Ciência da computação, com classificação igual a B5 em ambas.

Apesar dos vários e-mails congratulatórios de amigos e colegas, acredito que a nota conferida não reflete nossa verdadeira qualidade (que é muito maior) e que esta discrepância é derivada de problemas no processo de avaliação, e não de nossa revista.

Conforme colocado pela equipe da área, a classificação é resultado do JCR, um índice que representa o número de referências a nossos artigos, o que pune severamente novos periódicos, especialmente aqueles em língua portuguesa (nosso caso até o número 7). De acordo com a equipe de avaliação, somente com os anos, com um trabalho de divulgação e com a publicação de artigos de peso que serão referenciados é que gradativamente subiremos nos índices de referências JCR.

Esta afirmação embute o principal problema do processo de avaliação, especificamente, o embasamento em critérios puramente numerológicos. Poderíamos discutir o verdadeiro valor do JCR, mas não o faremos aqui², pois o problema não é JCR, mas sim o fato do processo se basear em um índice.

O valor de uma revista não pode ser medido apenas pelo impacto dos artigos que ela publica. É claro que isto é relevante, especialmente para a nata das publicações (aquelas nos estratos A1 e A2), mas resumir o processo a um conjunto de índices é diminuir o mesmo e desperdiçar a oportunidade de melhorar o setor de revistas científicas do Brasil.

A qualidade de uma revista se mede também em várias outras dimensões. Entre elas podemos incluir a verdadeira inserção na área³, o cumprimento da periodicidade, o processo de revisão (se é *double blind* ou não, o diálogo mantido entre autores e revisores e outros), a qualidade dos revisores, a

qualidade do corpo editorial, o tempo de *turnover* de um artigo e vários outros.

Obviamente, para analisar todos estes critérios é necessária uma análise personalizada de cada revista, em um processo semelhante ao que o MEC realiza para as instituições de ensino. Um ou mais revisores deveriam entrevistar autores, revisores e analisar todos estes aspectos (provavelmente de forma eletrônica, para minimizar os gastos) de forma a conhecer efetivamente o processo.

Uma vez de posse destes dados, poder-se-ia então combiná-los com as informações numéricas de forma a montar um índice. Para tanto, temos pessoas extremamente capazes que poderiam verificar a importância de cada aspecto e criar pesos e/ou outras formas de combinação para gerar uma estratificação final.

É claro que este processo é mais custoso e demanda muito mais tempo de um grupo maior de pessoas. Ademais, ele não deveria ser feito com uma periodicidade tão longa como é hoje (a cada três anos), pois este é um período que pode ser longo demais para a sobrevivência de novos periódicos. A adoção de novos critérios de formação da equipe, como a inclusão de voluntários ou de editores de todas as revistas nacionais, ou outro critério mais desejável, é fundamental para garantir que esta avaliação mais detalhada possa ser viabilizada.

Este editorial não busca criticar as pessoas. Tenho plena confiança na capacidade, habilidade e honestidade de todos os membros da comissão que analisou os periódicos. O problema é que o processo como um todo está baseado em premissas falhas que causam um impacto substancial na qualidade e na quantidade de publicações nacionais.

Antes de se começar um processo de avaliação deve-se fazer uma análise estratégica das necessidades nacionais. Precisamos de mais revistas nacionais? Em caso afirmativo, com qual critério? Que tipo de publicações queremos motivar para o futuro? Que tipo de pesquisa é interessante para a nação e como queremos que elas sejam comunicadas ao público? Desejamos publicar na língua franca da ciência apenas (inglês) ou desejamos incentivar o progresso do português? Estas e outras perguntas têm respostas ideologicamente opostas que devem ser respondidas de forma clara antes de se montar qualquer critério.

Ao restringir-se ao uso de um índice (seja o JCR ou qualquer outro), a CAPES decide que decisões estratégicas alheias são o motivador e o guia da ciência nacional. Será que é isto que realmente desejamos? Caso a resposta seja afirmativa, deixemos o processo intacto. Entretanto, acho que a pergunta nunca foi feita, e como tal qualquer resposta que se dê será automática, e não o resultado de um processo consciente de análise dos caminhos da ciência nacional.

Estou sendo profundamente pragmático nesta questão. Admito que a observação altera o estado do sistema – assim, a adoção de índices de qualidade pela CAPES, através do QUALIS, torna-se um motivador da comunidade científica nacional. Basicamente, todos os pesquisadores nacionais

¹ No momento em que escrevia este editorial, a lista do QUALIS apresentava dois erros: na lista de Engenharias III nossa publicação constava com o ISSN errado (1963-5605, ao invés de 1983-5604) e na lista de Ciência de Computação, constava com o nome de Sistemas de Informação (Macaé), ao invés de nosso nome completo correto.

² Uma referência com uma análise mais aprofundada do que caberia aqui sobre o valor desta métrica pode ser encontrada na Web, no site de endereço http://www.elsevier.com/framework_editors/pdfs/Perspectives1.pdf.

³ Para entender a relevância desta questão, vamos usar um exemplo. O Journal of Tribology (ISSN 0742-4787) foi classificado como sendo estrato B4 em ciência da computação. Entretanto, vendo sua declaração de área (disponível em <http://asmedl.org/Tribology>), vemos que ele é da área pesquisa sobre fluidos e outras aplicações. A sua qualidade não está em discussão aqui, nem tampouco o caráter multidisciplinar da computação, que como ciência meio fará com que tenhamos vários artigos nas mais diversas publicações. Entretanto, será que uma análise do periódico garante a sua inserção na área de ciência da computação ou será que ele pertence a uma das Engenharias? Olhando os dois últimos índices da revista, parece-me que estamos no segundo caso. Acredito que esta discussão deve ser feita caso a caso e não baseada apenas no histórico de publicações dos pesquisadores brasileiros e em algum índice bibliográfico.

preferirão publicar em uma revista do estrato B4 ao invés de uma do estrato B5, pois isto fará com que eles e seus programas de pós-graduação sejam mais bem avaliados.

Podemos discutir se isto é certo ou errado longamente, com argumentos válidos a favor e contra esta postura. Entretanto, a este é um componente da realidade e até que consigamos mudar este conceito, não podemos diminuir a importância do processo de classificação.

Estas colocações não advêm apenas de um eventual impacto desta avaliação em nossa revista, mas sim do que consideramos como nossa importância dentro da ciência brasileira e da direção que a ciência da computação deve seguir para que nosso país tenha um futuro rico e sustentável.

Isto posto, afirmamos que nossa postura e nossos princípios permanecem inalterados. O objetivo da Revista de Sistemas de Informação da FSMA é ser uma revista de qualidade que sirva como um canal de interlocução entre os autores e os revisores. Queremos ser um canal que permita que estes últimos possam contribuir com sua experiência e conhecimentos para direcionar os esforços dos primeiros para melhorar a sua pesquisa. Acreditamos que isto resultará, em última instância, em artigos com mais qualidade e em uma produção científica e intelectual que engrandecerá o nosso país como um todo.

Concluo afirmando que acreditamos que nossa jornada não termina aqui. Ainda temos muito para percorrer e acreditamos que em breve os índices e marcos formais refletirão com precisão maior todo o trabalho que temos realizado. Achamos que temos níveis a galgar dentro do processo de avaliação e temos certeza que todo o esforço em busca da excelência não será negligenciado após o estabelecimento mais firme de nossas raízes.